

Família vive da produção

Um dos cadastrados no Sine e beneficiado pelo empréstimo é Sérgio Carreira, 23 anos, membro de uma família de artesãos, que conseguiu um total de Cz\$ 15 mil para a compra de matéria-prima. Toda a família trabalha com madeira e teve a oportunidade de montar um estoque de alguns produtos, que como muitos outros, também sumiram do mercado, como lixas e serras, instrumentos indispensáveis ao trabalho artesanal.

Sérgio tem o artesanato correndo nas veias e há mais de seis anos vive da sua produção. Seu avô era marceneiro e passou a técnica aos pais, também artesãos. Ele diz que «nunca pensou em ser artesão, pois tudo foi um processo natural». Sérgio tem preferência pela execução de brinquedos, como carrinhos e aviões. Já sua mãe, Anna Carreira, executa trabalhos em forma de utensílios domésticos.

Ex-professor da Fundação Educacional, Sérgio deixou a atividade e está se dedicando inteiramente ao artesanato. Apesar de ter exposto seus trabalhos há apenas uma semana no Sine, algumas pessoas que viram já se mostraram interessadas. Ele ressalta a importância do apoio do Sine, devido ao extenso prazo para o pagamento e aos baixos juros. No seu caso específico, que trabalha com grandes encomendas, até mesmo para um supermercado

da cidade, que só paga após 30, 60 ou 90 dias, dependendo da quantidade. Sérgio diz que o empréstimo veio em boa hora. «Com os Cz\$ 15 mil consegui fazer um estoque de material necessário até poder receber o pagamento da empresa», acrescentou.

Dificuldades

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo artesão da cidade, segundo Sérgio, é a falta de material para o trabalho. O Plano Cruzado também atingiu o setor e para sua atividade falta madeira, bem como lixas e serras. Conforme o artesão, até as vendas baixaram com o plano do governo, pois a procura diminuiu, o que contraria a teoria do aquecimento do consumo. «O que salva são as encomendas de colégios e empresas. O consumidor comum já não compra como antes», observou.

No seu entender, o único espaço para comercialização de artesanato da cidade — a Torre de TV — não proporciona uma rentabilidade fixa. Por isso, ressalta a importância do canal de negociação aberto pelo Sine, entre o produtor e os empresários, que pode auxiliar na comercialização. Além disso, Sérgio afirma que o trabalho na Torre é muito desvalorizado, pois «as pessoas acham que as peças têm de ser baratas».